

**AS FORMAS VERBAIS *TER* E *HAVER* EM SELEÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS POR ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL EM DOURADOS (MS): UMA REFLEXÃO SOCIOLINGÜÍSTICA**

Lucas de Souza Machado (UEMS)

[luccas.lsm02@gmail.com](mailto:luccas.lsm02@gmail.com)

Paulo Gerson Stefanello (UEMS/UFSCAR)

Talita Chiqueto (UEMS)

**RESUMO**

A presente pesquisa faz um estudo acerca dos verbos *ter* e *haver* e sua importância em textos escritos, uma vez que o emprego adequado das formas verbais contribui com um dos aspectos fundamentais de textualidade, coerência textual. Nosso objetivo não é só ensinar as regras gramaticais e, sim, discutir e refletir com os alunos a forma como eles empregam os verbos *ter* e *haver* em seus textos escritos. Entendemos que a escrita e a oralidade são essenciais comunicação humana, pretendemos com essa pesquisa refletir as formas verbais *ter* e *haver* nas produções textuais dos alunos do 8º ano do ensino fundamental na presente escola Prefeito Álvaro Brandão que está localizada no município de Dourados (MS), na tentativa de entendermos os usos destas formas verbais e seu efeito de sentido. Almejamos, ainda, contribuir, à luz da Sociolinguística, com o ensino da língua portuguesa, a fim de aprimorar a metodologia do professor em sala de aula, considerando as vivências sociais e os saberes do aluno. Para nossa pesquisa utilizamos como aporte teórico: Fernando Tarallo (2001), Marcos Bagno (2012), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005), Andreia Dias de Medeiros (2013), Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2017), entre outros que se fizeram necessários para esta pesquisa.

**Palavras-chave:**

Ensino de português. Variação linguística. Simplificação verbal.

**1. Introdução**

Propomo-nos com este trabalho apresentar a importância do verbo em textos escritos, uma vez que o emprego adequado das formas verbais contribui com um dos aspectos fundamentais de textualidade, a coerência textual. Vale ressaltar que nosso objetivo não é ensinar as regras gramaticais de conjugação verbal, e sim refletir e discutir como os alunos grafam os verbos *ter* e *haver* em seus textos escritos e como ocorrem estes empregos. Utilizaremos em nosso estudo os termos: a) “enxugamento” (BAGNO, 2003); b) economia linguística (BAGNO, 2012), tal como o professor Marcos Bagno (UnB) sobre a mudança linguística das formas verbais, quando elas ocorrerem.

Compreendendo que a escrita e a oralidade são modalidades essenciais para a comunicação humana, propomo-nos a pesquisar, refletir e discutir

as formas verbais *ter e haver* nas produções textuais escritas de alunos do 8º ano do ensino fundamental da escola Prefeito Álvaro Brandão, localizada no município de Dourados (MS), na tentativa de observar e entender a influência das marcas da oralidade presentes na escrita dos alunos, que, por sua vez, são oriundas do social e de suas vivências cotidianas. Pretendemos, ainda, refletir e contribuir, à luz da Sociolinguística, com o ensino de língua portuguesa, a fim de termos professores que sejam pedagogicamente sensíveis, que busquem com constância aprimoramento de suas metodologias, que levem em consideração o social e as vivências de seus alunos e que lutem para eliminar o preconceito linguístico tão presente em sala de aula, além de exercer com competência seu papel de agentes transformadores e que saibam identificar e trabalhar com as diferenças, procurando minimizar as dificuldades de seus alunos em sala de aula.

Para tanto, utilizaremos as contribuições de estudiosos como: Luiz Antônio Marcuschi (2010), Marcos Bagno (2003/2012/2013/2015), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2014), Maria Cecilia Mollica (2014), Maria Marta Pereira Scherre (2005), entre outros, no sentido de refletir sobre esse novo olhar no fazer pedagógico do docente.

Ressaltamos ainda que o presente estudo é um recorte de um projeto aulístico mais abrangente, da disciplina de linguística II, 3º (terceiro) ano, ministrada no curso de licenciatura em letras, habilitação em espanhol, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

## **2. Fundamentação teórico-metodológica**

### **2.1. Economia linguística nas conjugações verbais**

A variabilidade linguística é uma característica inerente às línguas em geral, seja ela no campo fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Assim vem sendo vários diversos estudos, a fim de explicar a variação e possível mudança linguística. A variação linguística são mudanças que se dão através das mudanças de uso de certos fenômenos. Andreia Dias de Medeiros (2013, p. 10) salienta, “as línguas são dinâmicas, sofrem variação, se modificam e se transformam com o tempo”. Por isso estudos linguísticos podem ser diacrônicos e sincrônicos a depender do objeto de estudo assim a ser estudado.

As formas diferentes de dizer o mesmo são encontradas em todos os níveis da língua, Marcos Bagno (2003) atribui: “Olhar para língua significa considerar a língua como uma atividade social p. 19”. Assim podemos per-

ceber a realidade histórica, social e cultural em que ela se encontra. Pesquisadores em alguns estudos regionais têm verificado que existe uma tendência generalizada a reduzir as seis formas do verbo conjugado. Alguns processos de economia linguística podem ser mencionados pelo a partir da evolução histórica da língua, além de fácil visualização na fala de muitas variedades do português brasileiro. Marcos Bagno (2015, p. 69) certifica que: “As seis formas do português padrão foram reduzidas a três, exatamente a metade, no português padrão coloquial”. Ao simplificar de seis para três formas, só levou um pouco mais adiante o mesmo processo de “enxugamento” que observamos também no português padrão.

O fenômeno da economia linguística não fica restrito apenas ao plano fonético-fonológico, mas também se dá o domínio da morfossintaxe. Neste sentido, conforme Marcos Bagno (2015, p.68), a “redução” “economia linguística no campo da morfossintaxe no caso dos verbos, basta à presença dos verbos do pronome-sujeito para indicar a pessoa verbal”. Por exemplo, em relação ao verbo “amar” no português brasileiro, a forma flexionada “ama” pode corresponder a mais de uma pessoa do discurso: “você ama”; ele/ela ama”; “a gente ama”; e em algumas variedades estigmatizadas do português “nós ama”; “vocês ama”; “eles/elas ama”.

A economia linguística, é bastante frequente no português falado. A variação é definida como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 2001, p. 8). Assim, não se têm somente restrições e eliminações, tal fenômeno engloba casos que trazem algumas compensações, o que pode ser percebido, como salienta Marcos Bagno (2013, p. 204): “No caso dos tempos verbais, onde os falantes preferem usar o pretérito-mais-que-perfeito composto em vez de simples a forma *tinha feito* é mais utilizada do que a forma *fizera*”, em outro exemplo alguns falantes empregam o pronome “esse” adicionando-o a um advérbio de lugar “esse aqui” “esse aí”.

É possível perceber que o fenômeno linguístico da economia das conjugações verbais trata-se da interrupção de segmentos em todo processo de simplificação.

## **2.2. A influência da oralidade no texto escrito**

Vale ressaltar que língua falada é mais natural, pois aprendemos a falar imitando o que ouvimos. A língua escrita, por sua vez, só é aprendida depois que dominamos assim a falada. Sendo assim tanto a fala como a escrita partem do mesmo sistema linguístico, por isso vale lembrar ainda que

não é uma simples transcrição do que falamos, está subordinada as normas gramaticais, por isso requer mais atenção e conhecimento. Além disso, a escrita é um registro que permanece ao longo do tempo e não de caráter efêmero da língua falada.

Podemos dizer que há diferenças acentuadas entre uma e outra. Na linguagem oral, recursos como gestos, ambiente e olhares são comuns. Esta modalidade da língua requer a presença de interlocutor, é espontânea e imediata, sendo permitido o uso de frases feitas, entre outros, a sua expressividade permite prescindir de certas regras gramaticais. A informatividade é permeada de subjetividade e influenciada pela presença do interlocutor. Já na linguagem escrita, há predominância de recursos linguísticos, esta forma de linguagem apresenta maior correção, sendo assim, ela se torna mais sintética e a redundância funciona como recurso estilístico. Segundo Luiz Antônio Marcuschi (2010, p. 17) com sua contribuição: “A noção de funcionamento da língua é, também, fruto das condições de produção de atividades dos emissores e receptores, em contextos reais”. Exemplo disso nos dias mais atuais são as comunicações escritas pela internet em tempo real, nos chats e bate-papos.

Os alunos que produzem textos na escola são crianças e jovens que trazem uma linguagem própria a seu grupo social e que a reproduzem de forma escrita sem perceber que deve haver uma adaptação da língua oral para escrita no momento que escrevem seus textos. Segundo Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2017, p. 18): “a criança quando chega à escola, já domina a língua falada. Ao entrar em contato com a escrita, é preciso adequar-se às exigências destas, que não é tarefa fácil”. Assim, no sistema de ensino escolar, a linguagem oral é pouca trabalhada e muitas vezes não é desenvolvida em sala de aula.

As variações das línguas produzem diferenças no uso da linguagem. No ensino da língua materna a fala e a escrita, devem ser fundamentadas em uma concepção, em que os sujeitos possam produzir capacidades, textuais e gramaticais. O essencial é que o falante aprenda a importância de falar e escrever de acordo com a variante linguística que é esperada em determinadas situações sociais.

Se o falante domina esta modalidade de língua, melhor compreenderá o que é dito ou escrito pelas pessoas letradas. É o que a linguística conceituou de competência comunicativa e que muitas escolas, sejam públicas ou privadas, não incorporam no dia a dia de seus estudantes e, ainda, tentam achar que se escreve e se fala da mesma maneira como não importassem os gêneros textuais e a situação comunicativa de uso real da língua.

Mirian Lemle (1978, p. 10) certifica, "o falante não deve abandonar a sua modalidade de fala, mas aprender a padrão e utilizar acordo com a situação em que se encontra". Diante do exposto, acredita-se que a ciência da linguagem, tomando por base dados sociolinguísticos de uso concreto da língua, esta como veiculadora do saber, poderá atenuar tais desvios linguísticos que ocorrem na oralidade, e assim é escrita.

### **2.3. As contribuições da sociolinguística para o ensino de português**

Antes de mencionarmos as contribuições da sociolinguística ao ensino de língua portuguesa, faz-se necessário que apresentemos esta ciência do século XX, a sociolinguística variacionista ou laboviana. Sendo assim, tomamos por empréstimo o que nos declara Stella Maris Bortoni-Ricardo (2014):

A sociolinguística como ciência autônoma teve início em meados do século XX [...] levando em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala, não dissocia a fala do falante, considera relevante examinar as condições em que a fala era produzida [...] Liderados por William Labov, os sociolinguistas pioneiros, nos Estados Unidos, desenvolveram análises contrastivas entre a variedade do inglês, língua materna dos alunos em questão, e o chamado inglês padrão, falado e ensinado na escola. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 11-12)

Conhecendo a sociolinguística e compreendendo seu campo de estudo, Maria Marta Pereira Scherre (2005), corroborando com nossa reflexão, discorre a respeito do ensino de língua materna:

Esquece-se que uma gramática normativa é normalmente a codificação de uma norma padrão escrita com base em textos de escritores consagrados, acompanhada do registro de alguns aspectos linguísticos das variedades de prestígio. A língua real- sistema transmitido de geração em geração em circunstâncias naturais – é de riqueza e complexidade ímpares, que ainda não se deixou descrever nem explicar, na sua totalidade, pelos linguistas mais brilhantes. (SCHERRE, 2005, p. 42-43)

Nesta parte, portanto, destacaremos a contribuição dos estudos sociolinguísticos para o ensino do português, tendo em vista que o presente trabalho caminha a partir da sociolinguística variacionista que de acordo com Maria Cecília Mollica (2015, p. 11) "é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala", isto é, estuda a língua em seu contexto real. E, a escola é uma comunidade em que existem contextos reais de fala.

A Sociolinguística pode ser entendida, muitas vezes, como a ciência do pode tudo, ou até mesmo a ciência do caos, entretanto, o que a Sociolinguística promove, de fato, é a afirmação de que uma variedade linguística

ser considerada superior à outra não tem fundamento empírico e, portanto, faz-se necessário substituir “certo/errado” por adequado/inadequado, haja vista as diferentes situações de interação de fala (os destinatários, a modalidade de registro, escrita/oral, e o contexto).

Professores de língua portuguesa, quando não orientados ou sensíveis às realidades do aluno e da escola, tratam a variação linguística como um erro, que precisa ser corrigido, promovendo, desta forma, preconceito linguístico, oriundo, de modo geral, do preconceito social, transgredindo os PCNs de língua portuguesa, que intencionam promover o reconhecimento e o respeito ao social, às vivências e aos saberes do alunado.

A sociolinguística com “definições de conceitos para o tratamento da variação; reconhecimento da pluralidade de normas brasileiras; estabelecimento das semelhanças entre o que se convencionou chamar de norma culta e norma popular, ou seja, os estereótipos lingüísticos” (MARTINS et al., 2014, p. 10) busca contribuir com o objetivo do *PCN de Língua Portuguesa*; promover um estudo reflexivo e respeitador a respeito do uso real da língua portuguesa/brasileira e, sobretudo, por meio do estudo da língua real combater o preconceito linguístico, tornando o aluno um ser capaz de utilizar a fala/escrita de modo reflexivo às várias modalidades de uso e contexto.

É papel da escola, portanto, ser este espaço do encontro entre professor/orientador/mediador e aluno, pretendendo criar neste novas competências e habilidades.

#### **2.4. Seleção da escola e dos alunos**

Selecionamos a escola pública municipal Prefeito Álvaro Brandão, de Dourados (MS), para perceber a influência da oralidade no momento da produção textual e na forma como os alunos selecionados conjugam os verbos *ter* e *haver*, objetos de nossa investigação.

A escola municipal selecionada está localizada em um bairro periférico da cidade de Dourados/MS e dispõe de materiais midiáticos e ferramentas para auxiliar os professores em seus fazeres didático-pedagógicos.

Consultamos a coordenação pedagógica das turmas e decidimos pela realização do trabalho no 7º ano A do período matutino da escola supracitada. Os alunos pertencem à faixa etária dos 12 aos 14 anos de idade, faixa etária dentro da média de idade para cursar o 7º ano.

### **2.5. Seleção dos textos e os suportes de análise**

Analisamos textos dos alunos, produzidos a partir de diversas temáticas e adotamos o suporte teórico de gramáticas da língua portuguesa como: Luiz Antônio Sacconi (1994), Domingos Paschoal Cegalla (2008) e Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos (2005). Optamos pela gramática de Domingos Paschoal Cegalla (2008) e Luiz Antônio Sacconi (1994), pois se preocupam com o ensino aliado às produções textuais, e vêem o texto como um elemento fundamental na aprendizagem do aluno. Outra gramática normativa utilizada é a de Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos (2005), que privilegia a forma padrão da língua escrita, com uma proposta pedagógica acessível à realidade do aluno do nível fundamental.

Vale ressaltar ainda que não fora aplicado à turma nenhum tipo de aula extra, tendo em vista que pretendíamos em nossas análises investigar o texto real do aluno. Os textos não passaram por nenhum tipo de correção nem de nossa parte, nem da parte da professora regente da turma. Ademias, a proposta textual, relato, solicitada como suporte para a construção dos textos, objeto de nossa análise, está ligada às propostas de exames de vestibular, pois é importante considerar que, o aluno que pretende sobressair em suas produções textuais precisa ter clareza de seus pensamentos.

### **3. Análise das formas verbais *ter* e *haver* nos textos escritos**

Neste item/seção, procedemos à descrição e análise dos textos produzidos pelos alunos do 8º ano, de uma escola municipal de um bairro periférico da cidade de Dourados (MS), selecionados para a pesquisa. Intencionando atingir os objetivos iniciais da pesquisa, buscamos os estudos dos gramáticos como: Domingos Paschoal Cegalla (2008), Luiz Antônio Sacconi (1994) e Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos (2005) e de linguistas como: Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), entre outros, para nos subsidiar teoricamente.

A princípio, para averiguação das produções escritas dos alunos, coletamos 27 (vinte e sete) textos e, dentre eles, selecionamos 7 (sete) para efeito de análise. Os sete textos selecionados são os que mais apresentam variedade nas conjugações das formas verbais *ter* e *haver*, objetos de nosso estudo.

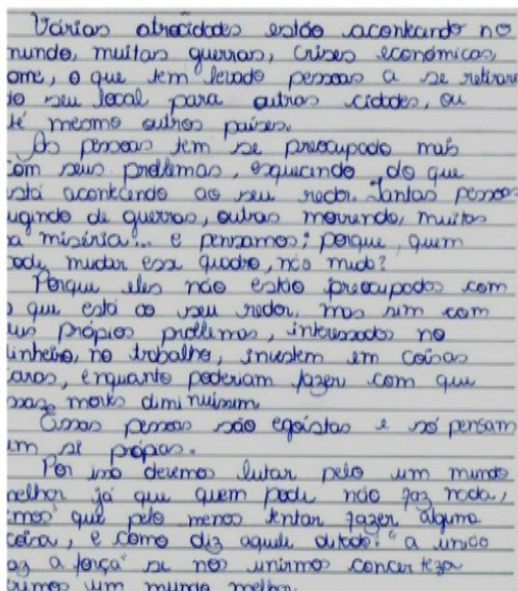
Nosso objetivo nesse estudo, não é ensinar o aluno a conjugar verbos de acordo com a gramática e nem julgar o trabalho pedagógico adotado pelo professor de língua portuguesa em sala de aula. E, sim refletir, discutir e

compreender como os alunos do ensino fundamental conjugam as formas verbais *ter e haver*, uma vez que são ensinados de acordo com as instruções da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira). Ressaltamos também que alguns textos foram recortados a fim de demonstrarem apenas onde ocorre o fenômeno linguístico. Salientamos que ao final das análises trazemos algumas conclusões acerca da nossa inquietação de como esses alunos empregam as formas verbais na modalidade escrita da língua e destacamos também que os nomes dos alunos e do professor da disciplina não serão divulgados nas análises.

Apresentamos, a seguir, os 7 (sete) textos que foram selecionados para análise, identificados como **Texto 1 a 7**.

No texto 1, o(a) aluno (a) não faz uso do verbo *haver*, mas emprega o verbo *ter* em quatro ocasiões, sendo: na 3ª linha do 1º parágrafo “[...] o que tem levado pessoas a se retirarem do seu local para outras cidades”. Na 1ª linha do 2º parágrafo “As pessoas tem se preocupado mais com seus problemas [...]”. Na 3ª linha do último parágrafo “temos que pelo menos tentar fazer alguma coisa” e na última linha do texto “[...] concerteza teremos um mundo melhor”.

#### TEXTO 1 -



Várias atrocidades estão acontecendo no mundo, muitas guerras, crises econômicas, fome, o que tem levado pessoas a se retirar do seu local para outras cidades, ou até mesmo outros países.

As pessoas tem se preocupado mais com seus problemas, esquecendo do que está acontecendo ao seu redor. Muitas pessoas ligando de guerras, outras morando, muitas a miséria... e pensamos: porque, quem pode mudar essa situação, não muda?

Porque eles não estão preocupados com o que está ao seu redor, mas sim com os próprios problemas, interessados no dinheiro, no trabalho, interessados em coisas caras, enquanto poderiam fazer com que suas coisas diminuíssem.

Com as pessoas são egoístas e não pensam em si próprios.

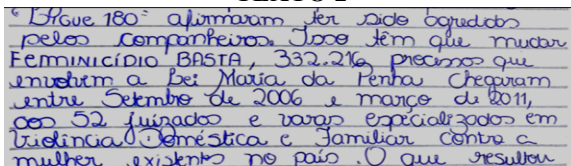
Por isso devemos lutar pelo um mundo melhor já que quem pode não faz nada, mas que pelo menos tentar fazer alguma coisa, e como diz aquele ditado: "a união faz a força" se nós unirmos concerteza teremos um mundo melhor.



Há equívoco linguístico somente no emprego do 2º “tem”: “As pessoas têm se preocupado mais com seus problemas [...]”. “As pessoas (elas) tem” e de acordo com Domingos Paschoal Cegalla (2008) “o verbo concorda com o sujeito” (p. 450). Então, a grafia adequada seria “As pessoas (elas) têm”, pois concordará com a 3ª pessoa do plural, no modo indicativo. Este esquecimento se dá pela falta de atenção do aluno no momento da produção textual e, por que há, na linguagem oral, a ausência de marcação de plural para o verbo ter em 3ª pessoa.

No texto 2, na 1ª linha do 2º parágrafo, no trecho, “[...] Ligue 180 afirmaram ter sido agredidas pelos companheiros. Isso têm que mudar”, o(a) aluno(a) comete equívoco na conjugação verbal “ter”. Entendemos que a colocação do verbo poderia vir seguida de conjunção “que” e o verbo conjugado na 3ª pessoa do plural “teriam” no tempo pretérito perfeito modo indicativo, colaborando Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos (2009, p. 432) o verbo não concorda com o sujeito “Ligue” no caso “Liguem (elas) porque o núcleo do sujeito afirmaram esta no plural.

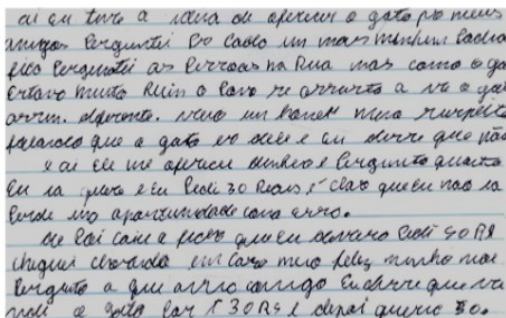
### TEXTO 2



Ligue 180 afirmaram ter sido agredidas pelos companheiros. Isso têm que mudar FEMINICÍDIO BASTA, 332.216 pessoas que envolvem a Pei Maria da Penha chegaram entre Setembro de 2006 e março de 2011, com 52 feminicídios e casos especializados em violência doméstica e familiar contra a mulher existentes no país. O que resultou

Continuando no texto 2, 2ª linha do 2º parágrafo o(a) aluno(a) não comete equívoco na conjugação do verbo “têm” que foi escrito no tempo 3ª pessoa do plural modo indicativo, em que se dá o sentido quando ela coloca “isso têm que acabar”, ao que entendemos parar com agressão contra as mulheres (elas).

### TEXTO 3

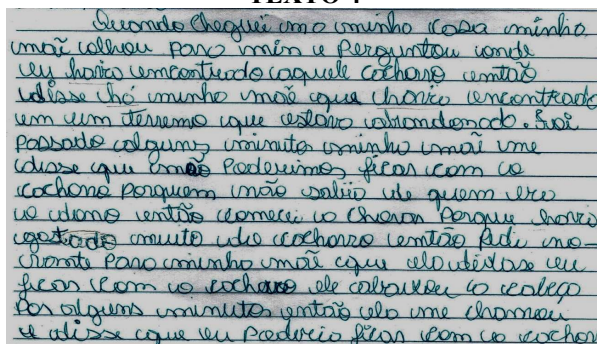


ai eu tive a ideia de apertar o gato no meu nariz. Perguntei ao Carlos um marquinho de água que eu peguei na rua mas como o gato estava muito ruim o leite se aborreu e não deu certo. Não me lembro mais exatamente falando que o gato se aborreu e eu disse que não e ai eu me apertei com o marquinho de água eu na água e eu pedi ao Carlos se ele queria que eu fosse ao apartamento dele. De lá eu fui e pedi que ele me desse o leite e o leite chegou e eu pedi que ele me desse o leite e eu pedi que ele me desse o leite e eu pedi que ele me desse o leite.

No texto 3, o(a) aluno(a), na 1ª linha do parágrafo (que inicia em minúsculo), no trecho, “ai eu tive a ideia de oferecer o gato pro meus amigos”, o(a) aluno(a) não comete nenhum equívoco linguístico ou gramatical.

No mesmo texto, na penúltima linha, no trecho “[...] minha mãe perguntou o que avia comigo [...]” o(a) aluno(a) acaba esquecendo de empregar o “h” na conjugação do verbo haver em 3ª pessoa do singular, pretérito imperfeito do modo indicativo, como postula a NGB. Esse esquecimento, se dá pelo desuso do h em verbo na modalidade oral da língua, influenciando a escrita do(a) aluno(a). Esses equívocos de desuso do “h” seriam facilmente corrigidos com um processo de escrita e reescrita orientado, Eliana Maria Severino Donaio Ruiz (2010).

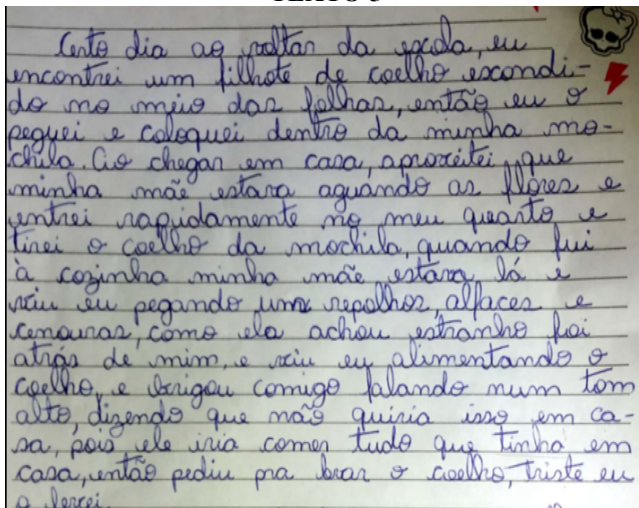
#### TEXTO 4



Quando cheguei emo uminho (oua) minha  
mãe colhou para mim e perguntou onde  
eu havia encontrado aquele cachorro então  
disse há uminho mãe que choro encontrado  
em um terreno que estava abandonado. Foi  
passado alguns minutos uminho mãe me  
disse que não poderia ficar com o  
cachorro porque não sabia de quem era  
o dono então comecei a chorar porque sou  
gostoso muito do cachorro então fui me  
chamar para uminho mãe que abdicou eu  
ficar com o cachorro ele colhou o cachorro  
por alguns minutos então ele me chamou  
e disse que eu poderia ficar com o cachorro

No texto 4, nos trechos: “[...] perguntou onde eu havia encontrado aquele cachorro”, na 3ª linha do parágrafo supraselecionado; “[...] minha mãe havia encontrado em um terreno que estava abandonado”, 4ª linha do parágrafo e, “[...] porque havia gostado muito do cachorro [...], 9ª linha do parágrafo” o(a) aluno(a) não comete nenhuma inadequação gramatical ou linguística no emprego do “havia” no sentido de ter, entretanto, na 4ª linha do mesmo parágrafo o(a) aluno(a) escreve “então, disse há minha mãe que [...]”, ao escrever “há minha mãe” é visível que o(a) aluno(a) pretendeu grafar que disse algo a alguém (à mãe) e, de acordo com a o minidicionário Caldas Aulete (2004, p. 283), o verbo dizer é bitransitivo e quando expressa algo a alguém ele é VTI (verbo transitivo indireto) exige preposição, logo o que o(a) aluno(a) grafou como verbo haver em 3ª pessoa do singular, no presente do modo indicativo “há” trata-se de uma preposição + artigo “à”. Equívoco que poderia ser facilmente percebido pelo processo de leitura atenta.

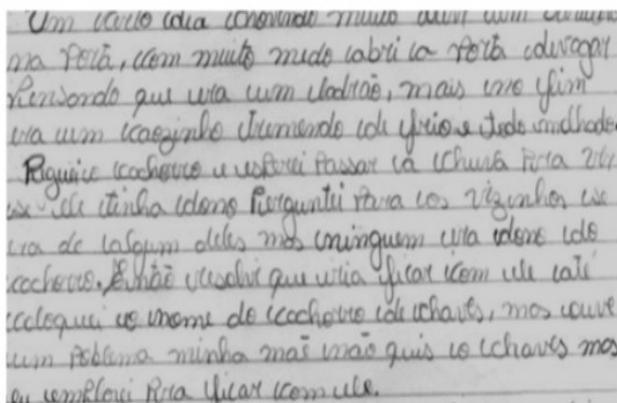
TEXTO 5



Ante dia ao voltar da escola, eu  
encontrei um filhote de coelho escondido  
de no meio das folhas, então eu o  
peguei e coloquei dentro da minha mochila. Ao chegar em casa, aproximei que  
minha mãe estava aguçando as flores e  
tirei o coelho da mochila, quando fui  
à cozinha minha mãe estava lá e  
viu eu pegando umas repolhos, alfaces e  
amanhas, como ela achou estranho fez  
atras de mim, e viu eu alimentando o  
coelho, e berigou comigo falando num tom  
alto, dizendo que não quis isso em casa,  
pois ele iria comer tudo que tinha em  
casa, então pediu pra doar o coelho, triste eu  
o dei.

No texto 5, na 15ª linha do 1º parágrafo, no trecho, “[...] isso em casa, pois ele iria comer tudo que tinha em casa”, o(a) aluno(a) não comete equívoco de conjugação verbal do verbo ter, ele faz a colocação em 1ª pessoa do singular pretérito imperfeito, ao escrever “tinha”, nesse caso ele expressou um fato que começou a ocorrer no passado, mas que ainda não está terminado no momento em que se fala, Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos (2009, p. 230).

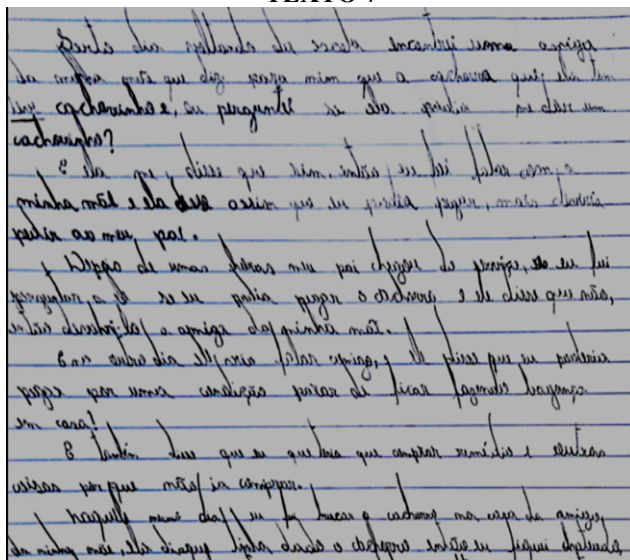
TEXTO 6-



Um gato está chorando muito assim um coelho  
na foto, com muito medo sobri a foto do gato  
Lembrando que era um gato, mais era um  
era um coelho chorando de frio e toda a malade.  
Peguei o coelho e voltei passar a churrasco para  
se ele tinha algum brinquedo para os vizinhos se  
era de algum deles mas ninguém era de  
coelhos. Então descobri que iria ficar com ele até  
coloquei no nome de coelho de churrasco, mas comecei  
um problema minha mãe não quis o coelho mas  
eu continuei para ficar com ele.

No texto 6, na 5ª linha do 2º parágrafo, no trecho, “[...] mas, ouve um problema minha mãe não quis o chaves”, o(a) aluno(a) comete um equívoco de conjugação verbal, do verbo haver, em 3ª pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo, ao grafar “ouve” ao invés de “houve” como postula a NGB. Acreditamos que, talvez, o(a) aluno(a) tenha se equivocado pela falta de frequência em utilizar o verbo haver e, como o “h” do verbo não é pronunciado na fala, o(a) aluno(a) facilmente o suprime na escrita, haja vista a influência da linguagem oral na produção escrita, como comprovam os trabalhos de Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005 e 2008).

### TEXTO 7



No texto 7, na 2ª linha do 1º parágrafo, no trecho “[...] amiga da minha mãe que diz para mim que a cachorra que ela tem teve cachorrinho”, o(a) aluno(a) não comete equívoco no verbo “tem” que está conjugado na 3ª pessoa do plural modo presente do indicativo, porém, o(a) aluno(a) esqueceu de colocar a pontuação virgula, e escreveu “teve” cachorrinho em seguida. Na conjugação do verbo “teve”, o(a) aluno(a) não comete equívoco na conjugação do verbo, que está na 3ª pessoa no tempo pretérito perfeito simples que exprime o fato que ocorreu ou aconteceu no passado, mas também esqueceu de concordar o verbo “teve” conjugado, com o substantivo cachorrinho que não se encontra no plural no caso “cachorrinhos”.

Num segundo momento, na 1ª linha do 2º parágrafo quando o(a) alu-

no(a) no trecho “[...] E também disse que eu teria comprar remédio” não ocorre equívoco na conjugação do verbo “teria”, conjugado na 1ª pessoa do singular no futuro do pretérito, quando no caso expressou-se um fato, relacionado com um outro fato passado, que pode ou não acontecer. Continuando, na 3ª linha do 6º parágrafo no trecho “[...] fui buscar o cachorro na casa da amiga da minha mãe, ela disque tinha dado o cachorro”, o(a) aluno(a) também não comete equívoco na conjugação do verbo “tinha” que se encontra conjugado 1ª pessoa do singular no pretérito imperfeito, no sentido em que expressa o fato que começou ocorrer no passado. Na 1ª linha do 7º parágrafo no trecho “[...] e ele disse que deveria ter ficado em o outro”, entendemos que talvez, o(a) aluno(a) fez a colocação do verbo “ter” no sentido de concordar com o verbo conjugado “ficado”

Devemos considerar que o aluno já domina a variedade da fala desenvolvida em seu meio familiar e social. Assim, cabe à escola proporcionar atividades que sejam desenvolvidas com habilidades na modalidade oral em variadas situações de uso.

#### **4. Considerações finais**

Durante a construção da pesquisa, assumimos o desafio de levantar e compreender o emprego das conjugações verbais dos verbos *ter* e *haver* nas produções dos alunos do 8º ano de uma escola pública do município de Dourados (MS). Nos desafiamos a verificar o efeito de sentido causado pelo uso em 7(sete) textos escritos por alunos do ensino fundamental selecionados de 27(vinte e sete) textos coletados.

Portanto, depois das leituras das obras que contribuem para o nosso estudo, esperamos colaborar com o ensino aprendizagem de língua portuguesa tanto para o professor como para o aluno que enfrentam dificuldades no tocante à prática em sala de aula. Percebemos que refletir e discutir a conduta metodológica aulística deve ser diária a todo professor de língua portuguesa e de qualquer disciplina, tendo em vista que o aluno aprimora seus conhecimentos linguísticos em todas as áreas de conhecimento, contudo, neste trabalho focalizamos o viés sociolinguístico de que não é diminuindo o aluno ou enchendo seu caderno de anotações que faremos um trabalho efetivo de qualquer conteúdo da língua portuguesa e sim com parceria e orientação além de um processo de escrita e reescrita do texto, pois se tal conduta fosse adotada, os equívocos cometidos pelos alunos seriam facilmente percebidos e reparados pelo próprio aluno, que orientado, seria capaz de ter esse consciência no próprio texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Caldas. *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: uma novela sociolinguística* 17. ed. 4ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola. 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégia de produção textual*. 2. ed. 4ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2017.

LEMLE, Miriam. *Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

MEDEIROS, Andreia Dias de. *Um estudo sobre a variação linguística no português do Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2013.

MOLLICA, Maria Cecilia. BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. *Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.